

# ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS SÉRIES INICIAIS

Marcia Karlowski da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Ensinar uma LE não é tarefa amena ou fácil, principalmente quando os alunos não estão motivados e não vêem uma utilidade pragmática nesta aprendizagem, neste momento é o professor que se torna responsável em despertar neles o interesse, apresentando-lhes a importância de se conhecer uma segunda língua, no caso, língua inglesa, bem como apresentar aulas que por si os motive. Diante de tal problema, colocamos nossas perguntas de pesquisa para este trabalho: - Como está se concretizando o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa nas séries iniciais? - Quando introduzir uma nova língua no currículo escolar das escolas públicas? Este trabalho apresentará alguns resultados decorrentes de observações feitas em uma turma de 1ª série, embasado em teorias advindas da Linguística Aplicada, Psicologia e ciências afins.*

**PALAVRAS-CHAVES:** *Aprendizagem - infância - Interação*

**ABSTRACT:** *Teaching a Foreign Language isn't a pleasant task or easy, mainly when the students aren't motivated and they don't see some pragmatic utility in this knowledge, in moment is the professor the responsible in excite the interest in their students, showing that is important to know another langue, in this case the English, also as to introduce classes that motivate the students. Before this problem, we put our search question for this article: - How this being concreted the education/apprehension of English Language in the primary? What is the time to introduce a new language scholar schedule in the public schools? This article will introduce some results that was obtained from observations did in a group of first grade, justified in theories of linguistic Applied psychology, and another sciences.*

**KEYWORDS:** *Learning, childhood, Interaction.*

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho foi realizado através da pesquisa etnográfica que tem por principal característica a relação entre o pesquisador e sujeito

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (Português/Inglês e Espanhol), pela UNIPAR - Umuarama (Letras Port./Inglês) e em Letras (Port./ Espanhol) pela UNIMEO - Assis Chat. (Port./ Espanhol); Pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa pela UNESPAR - Campo Mourão. Professora da Rede Estadual de Ensino.

de pesquisa, sendo importante que desde o início fique esclarecido o grau de desenvolvimento entre o pesquisador e a situação pesquisada.

Os métodos utilizados em trabalhos etnográficos são bastante variados e dependem “do tipo de corpus” importante para a pesquisa e também da preferência do pesquisador e das técnicas existentes. O mesmo autor sugere que existem duas fontes principais de se obter um corpus: “olhar” e “perguntar”. “Olhar” se refere a várias anotações de campo, gravações de áudio e vídeo (e subseqüentes transcrições). “Perguntar” refere-se à utilização de questionários, entrevistas, diários de professor, diários de alunos, estudos de documentos etc. (ERIKSON IN CANÇADO, 1994: 56).

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado o método indutivo.

### **Sujeitos Primários**

Os sujeitos desta pesquisa estudavam a 1ª série do Ensino Fundamental em escola municipal e apresentavam faixa etária entre 6 e 7 anos, sendo que a maioria teve contato com a LE na pré-escola.

### **Sujeito Secundário**

O professor, responsável pela sala observada, é formado no curso de Letras/Inglês, por uma entidade particular, possui pós-graduação em Literatura Brasileira, trabalha na rede municipal de ensino há três anos. Não frequenta curso de capacitação em LE.

### **Contexto da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em escola da rede municipal de ensino.

A turma observada era composta por vinte cinco alunos. A escola trabalha em dois períodos, sendo trabalhado somente o ensino primário. A mesma possui biblioteca, conta com recursos audiovisuais (televisão, vídeo, aparelho de som) e também com livros e materiais de inglês (como fitas de vídeo, por exemplo).

## **Coleta de Dados**

Os dados foram coletados na 1ª série do Ensino Fundamental, de Julho a Novembro de 2002, na cidade de Formosa do Oeste, no Estado do Paraná.

## **Instrumentos da pesquisa**

Os instrumentos utilizados foram observações, diários, questionários e entrevistas.

## **Observação**

“Este nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Durante todo o período a pesquisadora teve o papel de observadora participativa (natural), e, isto se dá quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga”. (BRANDÃO IN GIL, 1999, p.113)

Desta forma foi possível coletar os dados naturalmente, havendo um envolvimento profundo com a turma observada, o que favoreceu a interação entre pesquisador/alunos. Acreditamos que este instrumento de coleta de dados - observação – foi a mais adequada, tendo em vista os sujeitos da pesquisa serem crianças em fase de alfabetização.

Foram observadas dez (10) aulas, de agosto a dezembro de 2002. Estas observações resultaram em diários.

## **Aulas interventivas**

Durante as observações a pesquisadora participou das aulas diretamente através de substituição e indiretamente sugerindo atividades ao professor, que foram devidamente registradas nos diários acima citados.

## **Questionários**

Podemos definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o

conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. Foram aplicados dois questionários para o professor, a saber: (GIL, 1999, p. 128)

1 – QA: Neste primeiro questionário foram apresentadas sete perguntas, sendo estas estruturadas e seguindo o esquema de múltipla escolha. Através deste questionário foi possível saber sobre a formação do professor e sobre as razões que o levaram a escolher essa profissão;

2 – QB: Questionário não estruturado, apresentando dez perguntas, sendo a maioria questões abertas e uma pequena parte de múltipla escolha, objetivando alcançar os objetivos do professor ao ensinar a LE.

## **Entrevistas**

(GIL, 1999, p.117) “define entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

As entrevistas foram realizadas informalmente, no decorrer das aulas, tanto com o professor como com os alunos.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Proficiência no idioma e vivência cultural, aliada à flexibilidade, e criatividade são aspectos fundamentais para professores que ensinam crianças afetivamente. É preciso ter calma com a criança, assim ela estabelecerá uma relação com o professor e enfrentará o desafio de aprender uma nova língua com segurança e confiança, de maneira que a aquisição ocorra de uma forma sólida, pois respeita seus sentimentos.

O sentimento que a criança desenvolver nesta idade é o que irá para sua vida adulta e este deveria ser de prazer, naturalidade e funcionalidade. As crianças têm prazer e diversão ao descobrirem uma nova língua, portanto, é importante trabalhar com dinâmicas para atrair os alunos, tais como: livros gigantes e interativos, fantoches, jogos, músicas, culinária, marcenaria e teatro.

A língua deve ser utilizada como um real meio de comunicação, centrada nos interesses do aluno. É interessante utilizar

a linguagem das brincadeiras e da rotina da criança, explorando assim o que a criança pensa, sente e fala. Trabalhando a LE nos primeiros anos escolares, a aquisição acontece de uma forma produtiva, porque a criança está em constante interação com o professor, e o idioma pode ser utilizado durante toda a aula. A assimilação também é mais rápida, uma vez que o significado das palavras é descoberto intuitivamente pelo aluno dentro do discurso, aumentando assim a produtividade e o envolvimento.

A seguir, passaremos a discutir itens que se encontram diretamente relacionados ao ensino-aprendizagem na infância.

### **Motivação e Filtro Afetivo**

De acordo com (KRASHEN IN CARIONI, 1988, p.51) a dificuldade em aprender uma outra língua contrasta com a facilidade em adquirir a língua materna, porém, se ainda não se tem resposta de como se processa a aquisição, em língua materna, em menor proporção sabe-se como se dá este processo na nova língua, apenas tem-se uma provável explicação para a uniformidade com que todos os seres humanos adquirem linguagem: parece que após o indivíduo ultrapassar a puberdade, ele não mantém sua força aquisitiva. Krashen formulou uma teoria sobre aquisição de segunda língua baseada em cinco hipóteses, sendo que uma delas faz uma distinção clara entre aquisição e aprendizagem. Para o autor, estes dois fenômenos são diferentes, mas que podem acontecer simultaneamente. Afirma que aquisição ocorre ao nível do subconsciente – impulsivo vital – por isso natural, enquanto que a aprendizagem significa saber regras, ter consciência delas, exigindo um esforço consciente. Outra hipótese muito importante é a do filtro afetivo.

Ainda com Carioni (KRASHEN IN CARIONI, 1988, p.58) uma definição para filtro afetivo seria o primeiro obstáculo interno com o qual a nova língua (insumo) se depara. Nele estariam configurados as emoções, os medos, traços de personalidade, idade, ansiedade, além de motivações e atitudes com relação à nova língua. Segundo Krashen, para que aquisição ocorra é preciso que o filtro afetivo esteja baixo, sem muitas pressões e que haja muita motivação.

Mas o que realmente significa afetividade e motivação? Eis algumas definições:

- “Afetividade é a qualidade ou caráter de afetivo, afetivo, por sua vez, está relacionado ao que tem afeto e afeto é o mesmo que ter afeição, amizade, carinho, amor por algo ou por alguém”; (BUENO, 1992, p.29)

- “Motivação é o ato ou efeito de motivar é também um conjunto de fatores que agem entre si e determinam a conduta de um indivíduo”; (BUENO, 1992, p.448)

“Motivar também é definido como: despertar o interesse e a atenção dos alunos pelos valores que estão contidos na matéria. Quando os alunos querem aprender equivale a dizer irromper o seu psiquismo, despertar e direcionar a sua energia”. (MATTOS, 1972, p.236)

Qualquer técnica em sala de aula pode ser trabalhada de modo a provocar uma motivação intrínseca. Porém, devemos levar em conta as variáveis comportamentais que levam ao sucesso dos aprendizes ou ao insucesso. Uma delas é a atitude. Sabe-se que motivação e atitudes positivas são fatores poderosos no aprendizado. Essas atitudes são influenciadas pelo tipo de personalidade do aprendiz/aluno e também pelo contexto social no qual o aprendizado ocorre. Assim, o aprendizado não é o mesmo para todos, o que pode parecer, às vezes, que alguns alunos não se desenvolveram.

Segundo SCHUTZ (2001) além de habilidade no plano afetivo, o instrutor deve ter um domínio do idioma, equivalentes ao de língua mãe: melhor ainda se for falante nativo e tiver dificuldade com a língua mãe da criança, pois isto reforça, a autenticidade do relacionamento que se pretende construir e possibilita a inversão de papéis fazendo a criança sentir-se por sua vez superior e dessa forma desenvolvendo-lhe a autoestima.

Ou com KRASHEN, (1987) os fatores afetivos influenciam na aquisição de uma segunda língua porque os aprendizes variam de acordo com a força ou nível do filtro afetivo. Os aprendizes cujas atitudes afetivas não são favoráveis à aquisição de uma língua estrangeira têm um filtro afetivo alto. Aqueles que estão mais predispostos a adquirir a língua estrangeira têm um filtro afetivo abaixo. (KRASHEN – 1987: [www.sk.com.br/sk.apre3.html](http://www.sk.com.br/sk.apre3.html))

De acordo ainda com Krashen, a autoconfiança também é importante, pois, quando o indivíduo vê a língua estrangeira positivamente, certamente a aprenderá com mais facilidade, pois tende a buscar o insumo ou o **input**. Segundo Basso (1999), “entende-se por insumo toda e qualquer amostra feita na e da nova língua, oferecida pelo professor, livro didático ou pelos próprios colegas”.

Carioni (op. Cit) traduzindo Krashen, diz que para se ter um ótimo **input** é importante a compreensão, sem esta não há aquisição. Portanto, é preciso tornar a mensagem acessível, auxiliando a compreensibilidade do **input**, para isso é fundamental que o professor

tenha habilidade de dar a seus alunos uma maior quantidade de **input** compreensível, na língua que visa “ensinar”.

Para ajudar a compreensibilidade do **input** há alguns recursos que podem ser utilizados. “O professor poderia falar mais devagar, usar palavras mais comuns, usar estruturas simbólicas mais simples e sentenças curtas. Para tanto é necessário que haja interesse ou necessidade real de comunicação, caso contrário não haverá aquisição”. (BROWN, 1994, p.91-93)

Com esta hipótese, o professor fica mais livre, sem uma preocupação excessiva com a gramática, porém cabe a ele fornecer o máximo de **input** compreensível, devendo prover do máximo de material de apoio em cada aula, tais como “realia”, figuras, fazendo com que as aulas sejam reais e sempre partindo dos interesses e da bagagem experiencial dos alunos.

Portanto a sala de aula pode contribuir ricamente para a aquisição da nova língua, desde que haja a interação professor/aluno, aluno/aluno, que não haja ansiedade e que o ambiente seja tranquilo e agradável.

Segundo (MOSER, 1988: p.1) “para se ter uma boa aquisição é importante fazer o aluno participar ativamente das atividades de sala, mas também é necessário um certo tempo para que os alunos possam observar e sentir os sons, para que assim possam relacionar a fala aos efeitos que o professor pretende alcançar através de fala, e este tempo varia de aluno para aluno de acordo com sua personalidade”.

Para ajudarmos e melhor compreendermos nossos alunos, precisamos conhecer as teorias de aquisição, juntando o teórico com a prática, de tal sorte que possamos trabalhar com mais segurança em sala de aula.

“A aquisição de uma segunda língua é parte de um processo de aculturação, e que os aprendizes precisam de uma motivação positiva para que tenham interesse em aprender e usar a língua”. (SCHULMAN IN MOSER, 1988, p.2)

Voltando um pouco na história da Abordagem Cognitiva, acredita-se que a aquisição de uma língua se dê através da estrutura mental para línguas (LAD), que todo ser humano possui, para tanto somente se faz necessário que estejamos num ambiente lingüístico externo apropriado.

A aprendizagem é resultante de alguns processos cognitivos, os quais são:

- Transferência feita da língua materna;

- Transferência de aprendizagem devido às instruções especiais;
- Estratégias de aprendizagem da segunda língua;
- Generalização das regras da língua alvo.

Essas instruções formais podem melhorar o desempenho dos aprendizes nos testes, mas tem pouca influência no uso espontâneo da língua, o aprendiz não desenvolve competência na segunda língua, apenas observando o insumo, é preciso que o aprendiz participe ativamente para obter uma maior aquisição.

Na interação comunicativa o aprendiz aprende a gramática da LE, e adquire formas comuns às quais ele irá analisar mais tarde levando-o à construção de frases e se utilizando da fala de um discurso anterior. “Ou ainda quando usa a mediação do professor que lhe oferece o suporte para o que ainda não consegue fazer sozinho, o que na teoria de sócio-interacionista de Vygotsky é conhecido como andaime, ou em inglês, “Scaffolding”. (BASSO, 2001)

De acordo com Baghin (1993, p.37), “o trabalho de Crookes & Schmidy (1991) se apresenta como leitura obrigatória para pesquisadores e/ou professores empenhados no estudo e análise da motivação em se aprender uma nova língua”.

Gardner e Lambert In Baghin (1993, p.38), “fizeram uma distinção entre motivação integrativa e motivação instrumental. A motivação integrativa é identificada com atitudes positivas em direção ao grupo que fala a língua-alvo, sua cultura, seus costumes e tradições; enquanto que a motivação instrumental se refere às razões mais funcionais de se aprender uma língua: conseguir um emprego melhor ou uma promoção, ou passar num exame”.

“A motivação integrativa tem sido mantida como um suporte superior para o aprendizado de línguas, no sentido de que uma pessoa integrativamente motivada provavelmente será melhor sucedida no aprendizado de uma língua do que outra que não tenha essa motivação” (GARDNER IN BAGHIN, 1993, p. 39).

“A importância da aculturação, incluindo o fator motivação, é que ela põe o aprendiz em contato com a língua-alvo. A interação verbal com esses falantes resulta na negociação de insumo apropriado, que causa uma negociação de insumo apropriado, concorrendo para uma imediata aquisição lingüística” (SCHUMANN IN BAGHIN, 1993, p. 41).

“Como resultado do foco no insumo, o modelo de Aculturação de Schumann pode ser ligado ao modelo do Monitor de Aquisição de L2 de Krashen 1981, 1982, (1985) e, particularmente, à

parte conhecida como hipótese do insumo” (KRASHEN IN BAGHIN, 1993, p. 41).

Krashen, diferentemente de Schumann, não vê o primeiro papel da motivação na aquisição de L2 como ligado à provisão de insumo compreensível. Ao invés disso, ela é vista como um componente do filtro afetivo, já discutido anteriormente. Segundo o modelo apresentado por Dulay, Burt & Krashen In Moser (op.cit), o filtro afetivo é um mecanismo sub-consciente e suscetível a variações do insumo lingüístico que se apresenta para os processadores do modelo.

O filtro se comporta de acordo com as atitudes e estados emocionais do aprendiz, afetando o grau de motivação para aprender ou não a L2. Dependendo do tipo e intensidade da alteração da motivação, dos fatores de atitudes e dos estados emocionais, ocorrerão configurações do filtro afetivo, permitindo a absorção do insumo rumo ao dispositivo adquiridor de linguagem (organizador), o que resulta no desenvolvimento de um tipo específico de aprendizagem ou aquisição, nos termos de Krashen. (FIGUEIREDO IN BAGHIN, 1993, p.42)

Um autor que merece destaque dentro da área é Keller In Baghin (1993, p. 43), “que define motivação como algo que se refere às escolhas que as pessoas fazem de acordo com o que querem alcançar ou evitar, e ao grau de esforço que eles terão nesse sentido. Em sua teoria orientada para a educação, identifica quatro determinantes maiores de motivação: interesse, relevância, expectativa e resultados”.

Segundo Crookes & Schmidt (op. Cit.), “a escolha, o engajamento e a persistência são termos pelos quais a motivação pode ser definida”.

Moser (op.cit) “conclui que as implicações dessas teorias de aquisição de segunda língua L2 e LE devem ser adaptadas de acordo com a situação de cada professor para que se obtenha melhores resultados em sala de aula. Essas teorias nos fazem refletir sobre o ensino de língua e a necessidade de compreender o processo que se passa no indivíduo ao aprendê-las”.

Depois desse estudo fica claro para nós, que a sala de aula onde a aquisição vai acontecer é muito importante como tipo de insumo (amostra de linguagem LE) a que o aluno será exposto, e cabe aos professores de LE a responsabilidade de criar um ambiente propício para que a aquisição ocorra, oferecendo um ensino centrado no aluno e em suas necessidades, e nossas aulas devem se basear nas

teorias da aquisição, suprindo nossos alunos com ótimo insumo, dando oportunidades para os alunos interagirem na língua alvo em contextos e aumentar a motivação dos nossos alunos para que eles procurem mais insumo e oportunidades de usar a língua.

Ensinar uma LE implica, pois, uma visão condensada e frequentemente contraditória (uma imagem composta) de homem, da figura, da linguagem da formação do ser humano crescentemente humanizado, de ensinar e de aprender uma outra língua, visão essa emoldurada por afetividades específicas do professor com relação ao ensino, aos alunos, à língua-alvo, aos materiais, à profissão e à cultura alvo. Para aprender uma LE é necessário motivação, capacidade de risco, grau de ansiedade, identificação com o grupo. Aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subsequentes. Aprender LE assim é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprende. (FILHO, 1998, p. 15)

Nas nossas aulas de LE, é comum encontrarmos alunos que nunca tiveram qualquer outro contato direto com a nova língua e muito menos a experiência formal de aprender um outro idioma. Em muitos casos nosso aluno é o primeiro membro da família em muitas gerações a iniciar a experiência educacional (letrada) de acomodar outro sistema lingüístico e cultural em sua existência. Além das dificuldades dos alunos, também há a formação precária do próprio professor.

Além do professor, como elemento que pode influenciar a motivação dos alunos, Perez In Baghin (1993, p.46), “aponta para outros elementos, como: a procedência do aluno, seus problemas familiares e pessoais, condição social, idade e outros”.

Também ressaltando a importância do papel do professor na motivação dos alunos, merece destaque o trabalho de Meddley In Baghin (1993, p.47), “este autor diz que “motivação é uma questão de atitude, atitude do professor”. Para ele, é de suma importância que professores inspirem seus alunos para aprender”.

Para Meddley (op. Cit.), “aqueles alunos cujas necessidades básicas de sobrevivência foram supridas e cujo senso de pertencer ou de auto-estima não foi ameaçado pela classe, têm atitudes positivas em relação ao aprendizado”. Esse senso de pertencer ao grupo, de ser aceito por ele, é apontado também por Terry In BAGHIN (1993,

p.48), “como uma das duas necessidades afetivas mais importantes influenciadoras da motivação dos alunos em sala de aula. A outra, é a sensação de progresso vivida pelo aluno durante o processo de aprendizagem da LE”.

A motivação é, e fato, segundo esse autor, uma das influências mais fortes no progresso em sala de aula. Inconstante, a motivação é também muito influenciada pelo que o professor faz em sala de aula, pela maneira como o currículo é organizado, pela percepção do aprendiz do curso, seu relacionamento com o professor, e outros fatores extracurriculares, como: saúde, horário, e outras prioridades.

O fator físico-humano é o fator principal a influenciar a motivação para a aula, pois depende primordialmente da disposição física do aprendiz, o surgimento da vontade de se dedicar, de voltar à atenção para os estudos na sala de aula, ou seja, o aluno deve estar fisicamente bem disposto e alimentado. Dessa forma o fator metodológico, por exemplo, dificilmente consegue interferir positivamente diante de um quadro de sono, cansaço, ou qualquer mal estar físico. (VIANA IN BAGHIN, 1993, p.53)

Passaremos agora para a análise dos dados coletados.

## ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo descreverá com objetividade e clareza como os dados foram organizados e analisados. Entrelaçaremos os dados obtidos através do questionário e das observações.

Foi perguntado ao professor quais os objetivos que ele tinha ao ensinar LI, este respondeu da seguinte forma:

*“Os objetivos que tenho para ensinar inglês é fazer com que os alunos tenham noção do que é inglês, sua importância ”.*

Em uma segunda pergunta sobre a importância de se ensinar LI de 1ª a 4ª séries, o professor respondeu:

*- “O inglês é muito importante na vida das crianças, através dele há um desenvolvimento na linguagem e escrita”.*

Sabemos que Crianças de 1ª série em fase de alfabetização não tem habilidade para produzir, fazem cópias e não produzem (escrita), mas neste caso levemos em consideração a cópia como uma maneira de se desenvolver a escrita de crianças.

Em relação as quatro habilidades (Listening, Reading, Writting e Speaking) o professor as ordenou na seguinte ordem de importância: Writing, Listening, Speaking e Reading. Estas

habilidades eram vistas e trabalhadas de forma tradicional. O “Writing” foi trabalhado na forma de cópia, o “Listening” pela repetição, sem a utilização de aparelhos sonoros, somente com a voz do professor, sendo assim o “Speaking” também foi feito através da repetição de vocábulos, já que a aula foi em língua materna e o “Reading” foi inexistente nas aulas, mas estes são fatos que devemos relevar, pois sabemos como o ensino público é desprovido de maiores recursos e benefícios, e que até mesmo o grande número de alunos dificulta o trabalho do professor.

Outra pergunta feita ao professor sobre os tipos de atividades que ele tem dado mais enfoque, foi desta forma respondida:

- *“Tudo que favorece o aluno, mas procuro cobrar do aluno muito a escrita e a conversação”.*

Aqui percebemos novamente a cópia sendo trabalhada e até mesmo definida como escrita e a repetição como conversação.

Analisando a seguinte questão: Como você procura motivar seus alunos de 1ª a 4ª séries para a aprendizagem da LI?

- *“Trabalho em grupo, dinâmica e outras atividades que venham a fazer com que os alunos se sintam bem”.*

Esta é uma forma bastante eficaz ao se trabalhar uma nova língua, trabalhar dinâmica para atrair os alunos.

O professor deve saber o que ele deseja em cada aula e as direcioná-la para alcançar este objetivo. Ele não pode se sentir inseguro. Precisa também ter sua teoria fundamentada.

Como o próprio professor respondeu:

- *“As maiores dificuldades encontradas ao se ensinar a Língua Inglesa são a falta de material nas escolas públicas e recursos para trabalhar com os alunos das séries iniciais”.*

Isto é verossímil, mas não basta ter boas condições se o professor não buscar informações e ter objetivos ao ensinar.

Quanto às aulas observadas, pudemos observar que o professor introduz a aula questionando os alunos sobre o que aprenderam na aula anterior, fazendo, portanto, um engatamento entre o já aprendido – zona de desenvolvimento efetivo (Vygotsky, 1989) com o novo – zona de desenvolvimento potencial.

Durante toda a aula os alunos se mostraram motivados a aprender, poucos tiveram algum tipo de dificuldade para escrever as cores ou os números.

O professor trabalhou os conteúdos separadamente, para que assim os alunos pudessem fixar o aprendizado.

Em uma das aulas observadas o professor utilizou Vídeo Wild Animals, estimulando o interesse da criança. Este recurso prendeu a

atenção das crianças por ser desenho infantil. Os alunos não se incomodaram com a pronúncia, o que chamou a atenção foi o desenho em si, mas mesmo assim ficou mais fácil assimilar os animais com seus nomes em LE. Depois de assistirem ao filme o professor perguntou quais animais eles tinham visto e para eles desenharem qual mais gostaram ensinando em seguida a escrita e a pronúncia de cada um. O professor foi trabalhando os animais com calma, sempre relembrando o que já haviam aprendido.

Todas as atividades depois de desenvolvidas foram coladas no caderno de Língua Inglesa. O professor trabalha através da repetição, fazendo com que os alunos amarrem o conhecimento já adquirido, como: os números, as cores, as frutas, os animais, alguns substantivos conhecidos ao conhecimento novo.

Algo muito importante foi observado nas aulas no tocante à interação entre professor/aluno. Tudo que era pedido para os alunos fazerem o professor se incluía, dizendo “agora nós vamos fazer”. Ele também estimula a criatividade em várias atividades, quando alguns alunos perguntavam: “e este é pra pintar de que cor?” O professor respondia que poderiam pintar da cor que quisessem. Estas sem dúvida são duas grandes qualidades de um bom professor: participante e estimulador da criatividade. Brown (1994), diz que deve-se trabalhar as aulas dinamicamente, tornando-as interessante para prender a atenção das crianças e despertar a criatividade. Desse modo as crianças adquirem a nova língua facilmente, aprendendo sem perceber, pois estão envolvidas nos desenhos e nas cores, o que nesta idade, tem grande significância e facilita a aprendizagem. Não é preciso dizer que aquilo que se aprende sem cobrança e de forma informal se guarda para toda a vida. Assim, tornando-se significativa para a criança, ela passa a gostar da língua inglesa desde os primeiros contados. Quando ela estiver na 5ª série ela já terá um bom conhecimento sobre a língua inglesa, o que não acontece com alunos que têm o primeiro contato com a LE aos 11 anos, que sentem um choque, vendo a disciplina como algo que não faz parte da vida deles, e que nunca precisarão. Aqui, justificamos a presença de LE no currículo desde os primeiros anos escolares, para que o aluno veja a LE com naturalidade, pois ela o tem acompanhado desde sua infância.

Também através de conversas com alunos, pode-se saber que eles gostam de aprender LE e que a maioria deles têm um vocabulário bastante amplo, levando-se em conta a idade, a série, a falta muitas vezes de bons materiais de apoio e até mesmo a falta de oportunidade para o professor poder buscar maior especialização na área.

O professor não utilizava livro didático, coletando materiais diversificados, que despertavam o interesse dos alunos. Em todas as aulas o professor se utilizava dos desenhos para ensinar vocabulário, uma proposta seria trabalhar também os jogos, para tornar as aulas mais dinâmicas e não deixar as aulas caírem na rotina, a música também e um excelente recurso para a aprendizagem.

As aulas foram desenvolvidas com a participação dos alunos, os quais a cada aula foram aprendendo novos vocabulários de uma forma descontraída que prendia a atenção deles, sobretudo através dos desenhos e da pintura, que fascina qualquer criança em fase de descoberta. Neste tipo de trabalho foi dada ênfase ao desenvolvimento da inteligência pictórica.

Pode-se concluir que através das aulas observadas fica claro que a aprendizagem de uma LE durante a infância é mais fácil e rápida, e se dá de forma descontraída, o que sem dúvida é muito importante para a aquisição, pois crianças não têm vergonha, medo de arriscar, elas têm curiosidade, o que facilita no momento da aprendizagem, o que não acontece com a mesma intensidade após a puberdade, por exemplo, pois adolescentes têm medo/vergonha de se exporem e errarem.

As aulas observadas foram bem desenvolvidas pelo professor. Acredita-se que um professor de LE deve ter uma certa proficiência na língua que ensina, para sentir-se mais seguro, principalmente. Para tanto o professor deve sempre buscar aperfeiçoamento na sua área de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande responsável pela aquisição ou não da LE pelos alunos pode-se dizer que é o professor, pois quando ele busca algo que motiva os alunos a aprender, com certeza eles se sentem motivados e acabam fazendo a tarefa sem perceber, pois a aprendizagem se torna algo prazeroso. Se estas condições fossem atendidas a LE. Parece que o que acontece é que o professor muitas vezes não sabe trabalhar a língua de forma relevante para seu aluno, a LE apenas é imposta como uma disciplina que ele tem que estudar no currículo obrigatório exigido por lei.

Para facilitar a aquisição, acreditamos ser importante iniciá-la o quanto antes de forma interessante, sendo que um dos itens mais importantes seria o de que o professor vivenciasse e gostasse da disciplina, para assim passar uma atitude e uma imagem afetivamente positiva para seus alunos.

É inquestionável a necessidade de se aprender a língua inglesa atualmente, pois ela está presente em nosso cotidiano, mas cremos que seja fundamental que o seu ensino seja bem embasado teoricamente, para que o professor possa aproveitar e usar bem o potencial de seus alunos, já que a grande maioria da clientela da escola pública não tem condições de pagar um curso extraclasse e, muitos que as têm, nem sempre se interessam.

As razões acima citadas apontam para a importância de se trabalhar a LE desde os primeiros anos escolares, pois quando a criança chega à escola ela tem uma curiosidade inata para o novo e não está ainda condicionada a aprender através da forma ou normas gramaticais, facilitando assim a aquisição. Este nos parece ser o momento certo de trabalhar com criatividade para chamar a atenção da criança, para que assim ela aprenda a gostar da LE e com o passar dos anos ela irá desenvolvendo suas habilidades de compreensão. Mas nesta fase inicial é importante trabalhar a segunda língua oralmente, para que ela não confunda com a língua materna, já que ela está em fase de alfabetização.

Pretendemos através deste trabalho incentivar o ensino da LE a partir dos primeiros anos escolares, para que assim ela seja vista de modo diferente pelos alunos, que muitas vezes não conseguem se interar com esta Língua, a considerando como algo fora do contexto de sua realidade.

Ao final da pesquisa comprovamos que a aprendizagem da LE nas séries iniciais é mais rápida e eficaz, tornando clara a diferença do nível de aquisição destes com alunos de 5ª série.

Para tanto se propõe ensinar a LE dinamicamente, despertando a atenção dos alunos, relacionando-a com a realidade deles, mas ao mesmo tempo ensinar de modo natural, para que o aluno aprenda a gostar e não que se sinta obrigado a simplesmente saber.

Portanto, cabe aos professores de Língua Estrangeira buscar a melhor abordagem, ou seja, aquela que melhor supre as necessidades de seus alunos a adaptando ou modificando sempre que necessário.

Este trabalho visou um repensar de como e quando trabalhar a LE, pois, em muitos contextos seu ensino parece estar defasado com a realidade e os interesses dos alunos.

Sabemos que muitos alunos têm dificuldades, e que os professores também, pois muitas vezes eles não têm nem ao menos boas condições de trabalho, faltam recursos, oportunidades de especialização, mas, ainda assim acreditamos que seja fundamental mostrar ao aluno o gosto pelo aprendizado e por uma nova língua e quão interessante ele pode se tornar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, H. Douglas. Teaching by Principles an Interative approach to language pedagogy: Prentice Hall Regents, Upper Sadalle River. New Jersey: San Francisco State University, 1994.
- BUENO, Francisco da Silveira. Mini-dicionário da língua portuguesa. 6.ed. São Paulo: LIFA, 1992.
- CANÇADO, Marcia. Um Estudo sobre a pesquisa do tipo etnográfica em sala de aula. Campinas: Unicamp, 1994.
- CARIONI, Lilian. Aquisição de Segunda língua: teorias de Krashen. Florianópolis: UFSC, 1988.
- FILHO, Jose Carlos de Almeida. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. 2. ed. São Paulo: Fontes, 1998.
- GARDNER, Howard. [www.santoivo.com.br](http://www.santoivo.com.br).
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999
- KRASHEN, Stephen. Principles and Practices of Second Language Acquisition. Oxford: Perganon, 1982.
- KRASHEN – 1987: [www.sk.com.br/sk.apre3.html](http://www.sk.com.br/sk.apre3.html).
- MOSER, Sandra Maria Coelho De Souza. Teoria de aquisição de Segunda língua, a prática em sala de aula e a combinação entre elas. Maringá: Uem, 1988.
- NUNAN, David. Second language teaching & learning. c.2. Boston: Heinle & Heinle Publishers Boston, 1999.
- SCHULMAN, John H. The Pidginization Process: A model for Second Language Acquisition. Rowley MA: Newbury, House, 1978.
- SCHUTZ, Ricardo. [www.sk.com.br/sk.apre3.html](http://www.sk.com.br/sk.apre3.html)